



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Secretaria Geral Parlamentar
Secretaria de Documentação
Equipe de Documentação do Legislativo

JUSTIFICATIVA - PR 0025/2021

Segundo material do Jornal Correio Braziliense de 17/09/2020, que ora pedimos vênua para cita-lo abaixo, o setor e a indústria de eventos foi sem dúvida alguma o mais atingido pela pandemia e que certamente levará anos para a sua recuperação, assim vejamos:

Sem ajuda na pandemia, setor de eventos amarga pior crise em 20 anos

Profissionais ligados à área de cultura, gastronomia e música reclamam do descaso das autoridades econômicas, que não planejaram qualquer auxílio à categoria. Enquanto associações buscam retomar a atividade, voluntários promovem iniciativas de cunho social.

Aproveitamos para citar, Allan Massay: músico só recebeu cachê após três meses de pandemia - (crédito: Arquivo Pessoal)

Inoperante há mais de sete meses e com estimativa de pior ano nas duas últimas décadas, o segmento de eventos amarga o abandono. O Ministério da Economia não considera essa atividade como uma das afetadas pela pandemia de covid-19. A lista foi publicada na última terça-feira (15/09), em portaria do Diário Oficial da União.

Responsável por 4,32% do PIB nacional e com movimentação anual de R\$ 1 trilhão, a produção de eventos realiza mais de 590 mil empreendimentos por ano em todo o país. Segundo a Abrape (Associação Brasileira dos Promotores de Evento), com cerca de 300 mil eventos cancelados, a estimativa é de que até o mês de outubro cerca de 840 mil trabalhadores do setor estejam desempregados. Ainda sim, essa realidade não foi suficiente para o Ministério da Economia considerar o setor como um afetados pela pandemia da Covid-19.

O músico Allan Massay que fazia cerca de 20 apresentações por mês e tem 100% da sua renda proveniente de eventos culturais, cancelou a agenda de shows por completo. Ele ficou sem renda. "Cancelei mais de 50 shows no início da pandemia. Depois disso tive faturamento nulo, não recebi mais nada. Além de mim, ainda tenho toda uma equipe que trabalha comigo e que também foi afetada pelos meses sem apresentações", descreveu.

PUBLICIDADE

Segundo pesquisa realizada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas Sebrae) em abril deste ano, a pandemia afetou em 98% o setor de eventos. Ainda de acordo com o levantamento o faturamento apresentou uma queda entre 76% e 100% na comparação com o mesmo período do ano passado.

Para Renata La Porta, presidente da Associação dos Buffets do DF, o setor está abandonado pelo governo. "O setor de eventos foi dos mais impactados pela pandemia porque teve seu faturamento zerado, ao contrário da maioria das empresas que viu seu faturamento cair. Merecia uma especial atenção por parte do governo e ao invés de ser adicionado a um pacote genérico de resgate a empresas de outros setores" afirma a dirigente da entidade que representa as 20 maiores empresas do ramo no DF.

A situação é trágica e demanda atenção imediata, não dá mais para esperar. O prejuízo é incalculável e o impacto sobre o sustento de milhares de pessoas não pode continuar sendo ignorado", acrescenta La Porta.

Retomada

Apesar da volta gradual da atividade econômica no Distrito Federal, ainda não há previsão da liberação de shows e apresentações desses artistas. Segundo decreto publicado no Diário Oficial da União no início desta semana, ficam permitidas apresentações artísticas em bares e restaurantes, desde que todos os protocolos de contenção do coronavírus sejam respeitados.

Para o músico Allan Massay, mesmo com a liberação, será preciso ter paciência e cuidado até haver uma retomada consistente. "Não é momento de se "afobar". Ainda é preciso tomar cuidado com a propagação dessa doença. Exigindo cuidado e se cuidando, é possível enxergar um retorno positivo ainda este ano", acredita

Presidente do Sindieventos-DF, Tavinho Neves também está otimista. Em junho, o Sindieventos/Câmara de economia Criativa (ambos da Fecomércio), ABEOC e IBRAFE, apresentaram à Secretária de Turismo, ao Secretário de Cultura, Secretaria de Esportes e à Casa Civil uma proposta de Protocolo de Retomada do Setor de Eventos com total segurança. "Todos receberam muito bem, dizendo que trabalharam para o mais breve possível fosse publicado o Protocolo para eventos pelo GDF", afirma.

Tavinho alega que, no Distrito Federal, a economia ligada a eventos reúne centenas de empresas, organizadoras e fornecedores. A volta ao trabalho é urgente. "Diferentemente de outros estados, o DF depende financeiramente do Governo Federal e do Governo do Distrito Federal. Eles já liberaram as Feiras da cidade, mas não liberam as Feiras Eventuais. Liberaram os cinemas e não liberaram os eventos corporativos em Centros de Convenções. Precisamos muito voltar a trabalhar com total responsabilidade. Não só os eventos que sofrem, mas boa parte da economia do turismo em Brasília está dependendo dos eventos financeiramente, como hotéis, restaurante por exemplo", alega o presidente do Sindieventos.

Com os eventos cancelados e as pessoas reclusas em casa, artistas e produtores viram nas apresentações online uma forma de manterem de certa forma, alguma renda. O cantor Allan Massay conta que desde o início da pandemia, no mês de março, só teve sua primeira apresentação remunerada três meses depois. "Para continuar levando cultura e alegria para quem estava em casa, comecei a produzir lives, mas com todo investimento bancado por mim", relata o artista.

O DJ Einstein Vargas, do grupo Doop Jam, afirma que profissionais como ele foram profundamente afetados pela pandemia. Muitos estão há 6 meses sem qualquer receita das apresentações, virtuais ou presenciais. "Como nosso segmento depende de festas, casamentos, eventos corporativos e da locação de equipamentos, ficamos completamente parados e tivemos que demitir todos os funcionários. As lives produzimos foram independentes e sem fins lucrativos. Estamos completamente sem faturamento", explica o DJ.

Voluntários

De acordo com Camila Marconi, responsável em Brasília pelo projeto Ajude 1 freela, o setor de eventos sempre foi invisível. "Falo isso com base na inexistência de regulamentação da área e no reconhecimento de sua importância na movimentação da economia do país. Veja, o mercado vem evoluindo, ganhando mais espaço e gerando muitos empregos formais e informais. Quando a pandemia chegou já sabíamos que esse mercado não seria assistido por nenhum projeto de renda, porque muitos nem não se encaixam nos parâmetros exigidos" observa.

A fim de preencher essa lacuna, um grupo de produtoras criou, no início de março, o projeto Ajude 1 Freela. A iniciativa tem como objetivo arrecadar cestas básicas, medicamentos e produtos de higiene. "Conseguimos ir além. Hoje os produtores cadastrados beneficiados também recebem ajuda através de orientação contábil e psicológica para situações críticas que mereçam atenção", declara Camila.

Sem fins lucrativos, o projeto Ajude 1 freela conseguiu atender cerca de 3.000 famílias com cestas básicas e mais de 100 pessoas com remédios e apoio psicológico. "A união de fornecedores, clientes e frilas fez com que tivéssemos uma estrutura mínima para ajudar quem, há seis meses atrás, não tinha nenhuma comida na mesa. Sem muitas esperanças de regularização da área para um futuro próximo, o Ajude 1 freela vem elaborando projetos para continuar ajudando esse mercado cada vez mais", afirma Marconi.

*Estagiárias sob supervisão de Carlos Alexandre de Souza

Fonte <https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2020/09/4876120-sem-ajuda-na-pandemia-setor-de-eventos-amarga-pior-crise-em-20-anos.html>

E mais em recente matéria no site G1 a matéria abaixo corrobora com a necessidade urgente da Constituição da presente Frente Parlamentar:

A crise do entretenimento na pandemia: 350 mil eventos adiados ou cancelados e R\$ 90 bilhões 'perdidos'

Parados há quase um ano, produtores dizem que lives, drive-in e outras iniciativas não impediram que empresas 'ficassem no vermelho'. Executivos analisam crise e arriscam soluções. Por Marília Neves, G1

17/02/2021 06h00

Além das mais de 233 mil mortes causadas por Covid-19 no Brasil e os quase 10 milhões de casos registrados da doença no país, a pandemia trouxe outros números alarmantes que acenderam o sinal vermelho em diversos setores, incluindo, o do entretenimento.

Segundo Doreni Caramori Júnior, presidente da Associação Brasileira dos Promotores de Eventos (Abrape):

Mais de 350 mil eventos deixaram de ser realizados em 2020 (o número inclui shows, festas, congressos, rodeios, eventos esportivos e sociais, teatro, entre outros);

O que fez com que o setor deixasse de faturar ao menos R\$ 90 bilhões;

Hoje, 97 em cada 100 empresas não estão trabalhando;

Cerca de um terço das empresas fechou suas portas. E um terço das empresas vão ter muita dificuldade pra reabrir.

"No nosso caso, o setor está parado por obrigação. Não é que a gente não tem cliente, não é que teve uma mudança tecnológica que afastou as pessoas do entretenimento. O fato é que o setor está proibido de trabalhar."

"Nesse momento, nós somos o setor vulnerável da economia e se nada for feito, certamente a gente vai ser responsável por um desemprego enorme e por outras cadeias que são ligadas com a gente e que vão perder todo esse faturamento", afirma Doreni.

Há duas semanas, cerca de cinquenta profissionais do setor do entretenimento, principalmente do mercado sertanejo, se reuniram com o presidente Jair Bolsonaro e alguns ministros para pedir medidas.

Parado desde março, o setor pleiteia uma linha de crédito, entre outras propostas apresentadas para Gilson Machado, ministro do Turismo, e Mário Frias, secretário de Cultura.

Parados há quase um ano

Dani Ribas, diretora da Sonar Cultural Consultoria e consultora para planejamento e gestão de carreiras na música, relembra que o setor do entretenimento foi prejudicado desde o início da pandemia.

"A maior parte viu atividades sendo adiadas ou canceladas. E lembrando que todas essas atividades que foram simplesmente adiadas, ainda não aconteceram. A gente está há quase um ano sem que esse setor tenha conseguido se recuperar", analisa.

Ribas explica que, em março de 2020, logo na primeira semana de quarentena, realizou um levantamento em parceria com o instituto Data Sim. Nele, 536 empresas in formaram se tiveram shows adiados e/ou cancelados naquela primeira semana de paralisação. Como resultado, observou que:

81,2% das empresas tiveram eventos adiados;

77,4% das empresas tiveram eventos cancelados.

"E a 536 empresas relataram que, naquela semana, foram afetados mais de 8 mil eventos, somando um público diretamente afetado de mais de 8 milhões de pessoas. E um prejuízo estimado, naquele momento, de R\$ 483 milhões de reais."

"Claro que esse valor é um prejuízo pequeno se a gente pensar na extensão e na complexidade dessa cadeia produtiva. Esse número é só o levantado por essas 536 empresas já logo naquela semana", aponta Ribas.

Mudança no cenário

Pra Doreni, da Abrape, é importante "reconhecer que a incerteza que prejudica o planejamento." "Se tiver uma imunização coletiva muito alta possibilita a volta de aglomerações mais rapidamente."

Para Dani Ribas, tudo o que foi feito em 2020 (lives, shows drive-in, entre outras iniciativas) não ajudou tanto as empresas a diminuir seus prejuízos. "Não fechou o caixa dessas empresas, que já estão no vermelho há bastante tempo."

"Claro, não dá pra voltar ainda de maneira totalmente responsável. Por mais que esteja escrito em algum lugar que todos os protocolos serão cumpridos, os próprios protocolos não garantem a não transmissão", analisa Ribas.

Em meio à pandemia de Covid-19 para conseguir se apresentar, a banda de rock americana Flaming Lips colocou os músicos e o público dentro de bolhas infláveis.

Lives vieram para ficar?

Em 2020, artistas se renovaram e iniciaram uma série de lives. O formato - que ganha espaço novamente durante o carnaval - pode ter causado algum esgotamento, mas tanto para Doreni quanto para Dani, eles vieram para ficar.

"A partir do momento em que as pessoas recorrem em massa a esse serviço e, algumas delas são até patrocinadas, a indústria não abre mão desses formatos. A indústria só é uma grande indústria porque ela realmente se acomoda em relação às mudanças", analisa Dani.

"Elas vão perder força, mas não significa que ela será radicalmente abandonada."

Grupo foi interrompido por tiroteio durante transmissão nesta semana. Lives já tiveram outras emergências e até fuga de cavalo; relembre no Semana Pop.

Além do ponto de vista de transformação de mercado, Dani analisa o consumo diante da demanda. "Eu vi excelentes shows pela televisão, conectada na internet, que nunca tinha tido a oportunidade de ver aquele artista. Agora a experiência em casa substitui o show ao vivo? Claro que não."

Isso também vale para os cercadinhos, que foram construídos como tentativa para retomada de shows ao vivo e se adaptando ao protocolo de distanciamento. Ou até mesmo as bolhas que foram vistas no show do Flaming Lips.

"No futuro, pode ser que isso fique, que as pessoas gostem desse formato e paguem mais caro por isso", diz Doreni.

"Acredito em formatos desenvolvidos para conseguir atender a demanda durante o período em que a gente não puder atender da maneira que a gente atendia. Mas nada disso substitui nem financeiramente, nem em termos de entrega o que a gente fazia."

"O fato é que a demanda existe. Ela pode ser atendida por um operador regular ou ela vai acabar indo pra informalidade". defende o executivo.

Demanda

Desde o segundo semestre de 2020, a associação realiza uma pesquisa com o público para avaliar grau de disposição do consumidor em ir a eventos na pandemia. Segundo Doremi:

Em julho de 2020, o percentual era de 25% de pessoas dispostas a ir a eventos;

Em janeiro de 2021 o número chegou a 58%.

"Não tem como ignorar 58% das pessoas. Elas vão a um evento, você legalizando e regularizando ou não. E isso é a realidade."

"

Este texto não substitui o publicado no Diário Oficial da Cidade em 28/04/2021, p. 91

Para informações sobre o projeto referente a este documento, visite o site www.saopaulo.sp.leg.br.